

O MAL RADICAL EM EÇA – CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O CRIME DO PADRE AMARO E O PRIMO BASÍLIO

Giovanna Reis Rodrigues de Freitas¹

RESUMO

As obras do escritor português Eça de Queirós *O Primo Basílio* (1878) e *O Crime do Padre Amaro* (1880) foram anunciadas como pertencentes ao realismo-naturalismo, porém mesmo com algumas características próprias deste movimento, o escritor implícito subverte os procedimentos estéticos e ideológicos desta escola literária. Nessas obras, há a presença de duas personagens femininas marcantes, Luísa e Amélia, a primeira mantém um romance extraconjugal com o primo; e a segunda tem um relacionamento com um padre. Ambas são vítimas da sociedade e têm a morte como destino. Tais relacionamentos são motivados pela sexualidade e, pelos estudos da psicanálise, o mal é uma pulsão inerente ao ser humano, uma vez que as respectivas personagens criadas por Eça de Queirós são desenvolvidas por este prisma. O mal é representado quando o autor nos mostra figuras humanas com uma perda de controle da razão e conseqüentemente da consciência do homem virtuoso. Desta forma, este artigo propõe analisar se o autor implícito utiliza a pulsão do mal como princípio motor em sua narrativa. Logo, buscamos verificar se essas obras possuem características que não são próprias ao realismo-naturalismo. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizaremos: Sergio Nazar David (2007), acerca dos estudos queirosianos e das suas relações com a psicanálise; Sigmund Freud, *O mal-estar na cultura* (2010); Luiz Alfredo Garcia Roza acerca do *O mal radical em Freud* (1990), a respeito da pulsão do mal, da pulsão da sexualidade e da falta presente no homem.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Realismo; Sexualidade; Mal.

¹ Graduanda em Pedagogia da Faculdade Pitágoras- Londrina, Especialista pela Faculdade de Campos Elíseos (FCE) e Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), giovanna.rodrigues@uel.br;

INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar como o escritor implícito utiliza os procedimentos estéticos e ideológicos do realismo-naturalismo por meio da análise das personagens Basílio em *O primo Basílio* (1878) e de Amaro presente em *O crime do padre Amaro* (1880). Procuramos verificar como o escritor implícito subverte essa escola literária em sua narrativa.

As personagens Amaro e Basílio são exemplos da subversão dos conceitos pertencentes ao realismo-naturalismo nas obras de Eça de Queirós. Ao final do romance, ambos continuam a viverem as suas vidas sem qualquer tipo de culpa, de consequência ou de condenação social.

Na sequência, analisamos as personagens Amélia e Luísa, a primeira é casada com Jorge, marido exemplar aos pressupostos requeridos da época, e o foco da narrativa o seu relacionamento extraconjugal com o primo. E a segunda, extremamente devota a fé cristã mantém um relacionamento com um jovem padre.

Para a analisarmos das referidas personagens, utilizamos Sérgio Nazar David e suas reflexões em *O Século de Silvestre da Silva – Estudos Queirosianos* (2007) acerca de seus estudos sobre as obras de Eça de Queirós, como também de seus apontamentos sobre a sexualidade; e para refletimos sobre a pulsão do mal, Luiz Alfredo Garcia-Roza, em *O mal radical em Freud* (1990); o qual tem seus estudos baseados em Freud e Sigmund Freud sobre e *O mal-estar na cultura* (2010).

METODOLOGIA

Este artigo foi realizado por meio de estudos bibliográficos, seguido pelo método qualitativo. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram consultados: Sérgio Nazar David e suas reflexões em *O Século de Silvestre da Silva – Estudos Queirosianos* (2007); Luiz Alfredo Garcia-Roza, o qual tem seus estudos baseados em Freud e na obra *O mal radical em Freud* (1990); como também, *O mal-estar na cultura* (2010) de Sigmund Freud a respeito da pulsão do mal.

REFERENCIAL TEÓRICO

Primeiramente, analisamos as personagens Basílio e Amaro com intuito de demonstrar como a narrativa construída por Eça de Queirós possui elementos que não são próprios da escola literária realista-naturalista.

Para isso, utilizamos Sergio Nazar David (2007) sobre os estudos das obras de Eça de Queirós em *O Século de Silvestre da Silva – Estudos Queirosianos*.

Na sequência, analisamos a construção das personagens Amélia e Luísa, seguindo a perspectiva freudiana sobre o conceito da pulsão do mal, abordando os seguintes teóricos: Sigmund Freud *O mal-estar na cultura* (2010); Luiz Alfredo Garcia Roza acerca do *O mal radical em Freud* (1990), onde foi abordado a pulsão do mal, a pulsão da sexualidade e a falta presente no homem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. A SUBVERSÃO DO REALISMO-NATURALISMO

Os romances do escritor português Eça de Queirós *O primo Basílio* (1878) e *O Crime do Padre Amaro* (1880) foram mais de uma vez anunciados pelo escritor como pertencentes ao realismo-naturalismo, porém mesmo com algumas características próprias dessa escola literária, o autor implícito subverte os procedimentos estéticos e ideológicos desse movimento.

A primeira publicação de *O Crime do Padre Amaro* foi em 1875 na *Revista Ocidental* seria a primeira obra com base nas doutrinas estéticas do Realismo-Naturalismo na literatura portuguesa. De acordo com Eça, esta obra corresponderia aos objetivos estéticos da ideia de justiça e verdade que norteava a ideologia positivista.

O autor pontua na quarta Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense em 1871, sob o título a *Literatura Nova (O realismo Como Nova Expressão de Arte)*, Queirós introduz o romance realista-naturalista em Portugal:

É a negação da arte pela arte; é a proscricção do convencional, do enfático e do piegas. É a abolição da retórica considerada como arte de promover a comoção usando a inchação do período, da epilepsia da palavra, da congestão dos tropos. É a análise com o fito na verdade absoluta. – Por outro lado, o Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; - o Realismo é a anatomia do carácter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houver de mal na nossa sociedade. (SALGADO JÚNIOR, 1930, p. 55-56).

Porém, mesmo após esta declaração, o que percebemos em suas obras não se confirma na ideologia da escola literária que afirma pertencer. Ao adentrarmos mais afundo no naturalismo observamos que Émile Zola, autor do qual Eça foi influenciado pelo naturalismo em suas obras, nas seguintes obras *O Romance Experimental* e *Naturalismo no Teatro* expõe que os escritores que optam por observar e analisar a sociedade para buscar o ideal da verdade, seriam classificados como naturalistas:

Nós, os escritores naturalistas, submetemos cada fato à observação e à experiência; enquanto que os escritores idealistas admitem influências misteriosas que escapam à análise, e permanecem por isso no desconhecido, fora das leis da natureza. [...] o alvo de nosso esforço humano é reduzir dia a dia o ideal, conquistar a verdade ao desconhecido. Somos todos idealistas, se se entende com isso que nos ocupamos com o ideal. Mas, chamo idealistas àquelas que se refugiam no desconhecido pelo prazer de nele estar, que só têm gosto pelas hipóteses mais arriscadas e que desdenham submete-las ao controle da experiência, sob o pretexto que a verdade está neles e não nas coisas. (ZOLA, s/d, p. 59-60)

Este ideal de verdade é constantemente refutado nos dois romances, a personagem Luísa contaria em algum momento a verdade sobre seu envolvimento para seu marido Jorge? Ou Jorge só soubera da verdade através de Juliana que a chantageia com cartas? E o ideal de justiça que se dissolve com o desenrolar das narrativas, as personagens Amaro e Basílio são exemplares nesse sentido. O primeiro, termina o romance em Lisboa, a capital do país, dizendo que não confessava senão as casadas. O segundo, ao saber da morte da prima, apenas se lamenta de não ter levado consigo, na viagem, uma acompanhante.

Sérgio Nazar David, afirma que “Em *O crime padre do Amaro* e em *O primo Basílio* ficamos com a impressão de que fora o mundo ou a consciência mal formada que não tinham sido capazes de levar Luísa, Amélia, Amaro e Basílio para a conjugalidade” (DAVID, 2007, p.16-17). Visando que a perdição do homem seria essa consciência mal formada, Eça nos demonstra ao decorrer da narrativa que nem mesmo a razão e a consciência poderiam resguardar os homens do mal, e que ambas não são suficientes para impedi-las de ceder as pulsões inerentes ao ser humano e ao fim, as personagens são traídas pela própria razão e consciência falhas.

Os personagens Amaro e Basílio são exemplos da subversão narrativa do realismo-naturalismo. Ambos personagens saem ilesos de qualquer tipo de culpa, ou de punição social. O primeiro, termina o romance em Lisboa, a capital do país, dizendo que não confessava senão as casadas. Amaro diz depois de questionado por cônego Dias sobre “aquilo” que o padre Amaro queria confessar: “— Já lá vai o tempo, padre-mestre- disse e pároco rindo- já as não confesso senão casadas!” (QUEIRÓS, 2016, p.466)

O segundo, ao saber da morte da prima, apenas se lamenta de não ter levado consigo, na viagem, uma acompanhante. O autor implícito coloca em cena, na volta de Basílio a Lisboa com a notícia da morte da prima, que este não demonstra qualquer sentimento amoroso ou culpa em sua consciência e finaliza o romance com a seguinte fala: “Basílio teve um sorriso resignado. E, depois de um silêncio, dando um forte raspão no chão com a bengala: — Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine! E foram tomar xerez à Taverna Inglesa.” (QUEIRÓS, 2010, p. 508). O primo de Luísa lamenta apenas o fato de não ter conhecimento da morte de sua prima antes de vir a Lisboa, pois se soubesse não ficaria sem uma mulher para acompanhá-lo.

Nazar afirma que “Para Eça, o instinto (bestialidade) governa quando os deveres (Consciência) não são suficientemente fortes para deter os vícios (pulsão).” (DAVID, 2007, p. 31). Temos a presença da consciência também em *O Crime do Padre Amaro* (1880) por meio do personagem Dr. Gouveia que afirma: “Eu não preciso de padres no mundo, porque não preciso do Deus do céu. Isto quer dizer, meu rapaz, que tenho o meu Deus dentro de mim, isto é, o princípio que dirige minhas ações e os meus juízos. Vulgo Consciência...” (QUEIRÓS, 2016, p. 234). Dessa forma, a hipótese central do realismo-naturalismo é refutada o tempo todo ao longo das duas narrativas pois as personagens são traídas pela própria razão e consciência falhas. O que o autor faz nessas obras é mostrar que não há nenhum ponto de segurança na existência, e que não há um porto seguro.

2. O MAL RADICAL

Entre as diversas pulsões citado por Freud, trazemos um breve panorama de como o mal foi desenvolvido ao longo dos séculos. Pontuamos primeiramente a perspectiva de Aristóteles (1991):

Mas nem toda ação e paixão admitem um meio-termo, pois algumas têm nomes que já de si mesmos implicam maldade, como o despeito, o despudor, a inveja, e, no campo das ações, o adultério, o furto, o assassinio. Todas essas coisas e outras semelhantes implicam, nos próprios nomes, que são más em si mesmas, e não o seu excesso ou deficiência. Nelas jamais pode haver retidão, mas unicamente o erro. E, no que se refere a essas coisas, tampouco a bondade ou maldade dependem de cometer adultério com a mulher apropriada, na ocasião e da maneira convenientes, mas fazer simplesmente qualquer delas é um mal. (ARISTÓTELES, 1991, s/p).

De acordo com o autor, para algumas ações, não existe um meio-termo, isto é, atitudes como a inveja, o adultério e o assassinato são ações contrárias à virtude, visto que para o autor, o mal é a conduta contrária à virtude e a virtude é a ação ou ato de realizar o bem. A partir dessa perspectiva instaura-se dentro desses dois conceitos um juízo de valor reconhecido de um conceito em relação ao outro.

Santo Agostinho em seus escritos denominados *Confissões* percebe o mal como uma falta ou um defeito, definimos assim, o mal como uma falta de positividade própria: “Afastando-me da verdade, parecia-me encaminhar para ela, porque não sabia que o mal é apenas privação do bem, até chegar ao seu limite, o próprio nada” (AGOSTINHO, 2007, p.23).

Partindo de Santo Agostinho e sua visão de mal como falta de positividade, nos deparamos com Kant em sua obra em 1763, *Ensaio para introduzir em filosofia o conceito de grandezas negativas*, Kant afirma que o mal é como um vício, uma ausência do bem, não somente isso, como também considera o mal a resistência ao bem. Esta força vinda da resistência é a nossa própria vontade e conseqüentemente está ligada ao nosso livre arbítrio, ou seja, a nossa liberdade.

Em *A religião dentro dos limites da simples razão* publicado em 1793 por Kant, retira o mal radical dos limites da *teodiceia*², o homem pode reverter as máximas de suas ações, Garcia-Roza afirma que para Kant: “[...] o homem pode inverter as máximas de sua ação, vinculando-as a lei

2 Teodiceia refira é o conceito inserido na metafísica em que ao tratar do problema do mal, procura «justificar» a bondade de Deus contra as objeções levantadas a propósito daquele problema. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/teodiceia>. Acesso em: 20/10/2021.

moral perversa que o leva a agir não somente para o mal as pelo mal.” (GARCIA-ROZA, 1990, p.152).

Kant desenvolve em sua obra *Ensaio para introduzir em filosofia* (1763), o conceito de grandezas negativas e os conceitos de mal por falta e mal por privação. O mal por privação, de acordo com o autor, é a privação e oposição ao bem e possui uma força positiva que oprime o bem. O mal por falta, é puramente negatividade, pura ausência (neste caso, ausência do bem) este ao contrário do mal da privação não possui em si um princípio positivista.

O mal radical para Kant, não é definição para natureza humana, para ele: “ O mal radical é definido como uma propensão inata a natureza humana, entendo-se por *propensão* apenas uma *predisposição*, [...]” (GARCIA-ROZA, 1990, p.154 apud KANT, 1986, p.31). De acordo com o autor, essa tendência para o mal apresenta de acordo com o autor, três formas distintas, sendo a primeira como uma fragilidade da natureza humana, a segunda como esta propensão a misturar impulsos morais e imorais, e a terceira como a malignidade humana fundada no livre arbítrio do homem para inverter a moral.

De acordo com Kant (1986): “o homem é mau”, segundo o que precede, nada mais pode querer dizer do que: ele é consciente da lei moral e, no entanto, acolheu na sua máxima a deflexão ocasional a seu respeito.” (KANT, 2008, p. 38). Esta tese de que o “o homem é mal” não é tratada pelo autor como um princípio, mas como uma predisposição ou uma inclinação e é neste conceito que vemos pontos de diferença entre Freud e Kant.

Para Freud a destrutividade é um princípio do homem: “[...] algo que está presente a cada momento regendo cada começo” (GARCIA-ROZA, 1990, p.155). Ao contrário do conceito já visto de Kant, o mal radical deriva de uma propensão ou inclinação. Ainda segundo o autor para Freud, o mal é:

O que é o mal? Não é necessariamente, aquilo que é prejudicial ao eu, responde Freud, pode ser ao contrário, algo prazeroso e desejado por ele. É portanto o outro que vai decidir sobre o que deve ser considerado como bom ou mau. Este é o sentido do chamado serviço dos bens. Não é algo que diga respeito ao desejo do sujeito, mas ao bem do outro, e para que o bem do outro seja atendido, é necessário que o sujeito ceda do seu desejo (GARCIA-ROZA, 1990, p.161).

Em *O mal-estar na cultura* de 1930, Freud afirma que “O mal é aquilo pelo que se é ameaçado com a perda de amor; por medo dessa perda é preciso evitá-lo” (FREUD, 2010, p.146). Nas duas obras analisadas, há a presença de personagens marcantes com relacionamentos sociais motivados pela sexualidade e, pelos estudos da psicanálise, a sexualidade é o meio para que o homem pratique o mal, e esta é uma pulsão inerente ao ser humano. À vista disso, analisamos as personagens criadas por Eça de Queirós por meio dessa perspectiva.

Pelo viés empirista e naturalista em que um mundo dito natural é composto por corpos materiais e organizado por leis inerentes a nós, frisando que este não dependeria da linguagem em seu percurso. Partindo deste pressuposto, este corpo material e animal é marcado fortemente pela “falta” desde do seu nascimento. O corpo humano possui esta falta de algo ou alguém, de maneira geral uma força externa ao seu corpo para viver.

É dessa falta que se corpo sente a necessidade natural, e ao senti-la passamos para outra reação corporal chamada de ação. Assim como afirma Garcia-Roza: “[...] a necessidade impõe uma ação cujo objetivo é a supressão da necessidade e, portanto, o preenchimento da falta.” (GARCIA-ROZA, 1990, p.15). Nesse processo de suprir esta necessidade de algo ou alguém, denominaremos como objeto de desejo que pertence evidentemente a este mundo natural vigente, sendo um objeto natural. Ressaltando que o corpo e o mundo estão interagindo e ligados entre si.

O uso da palavra transforma e significa este mundo natural, este corpos e os objetos passam a possuir significado a partir da linguagem. Ainda de acordo com o autor:

Ao ser através do qual a palavra fez sua emergência- e que foi por ela construído- chamamos homem. A palavra não fez sua emergência no homem; o homem é um efeito dessa emergência. Tendo feito sua emergência, a palavra ressignificou ou simplesmente significou o próprio corpo com suas faltas, assim como os objetos do mundo. O efeito imediato foi uma desnaturalização do corpo. Das suas necessidades e dos objetos do mundo, assim como o surgimento de uma nova ordem: a ordem simbólica (GARCIA-ROZA, 1990, p.16).

Esta transformação impulsionada pela linguagem rompe com este mundo natural e suas ordens, é deste rompimento surge a falta não-natural, é neste momento instalada o que o autor chama de “nova ordem”.

Mesmo que esta nova ordem esteja imperando sobre este mundo, o corpo ainda sente suas faltas corporais que desencadeia em necessidade e impõe a ação, porém, essa ação ficou sem uma direção pré-estabelecida.

A satisfação plena dos corpos, nesta nova ordem se torna totalmente impossível. O autor menciona que esta perda de satisfação não se deve a uma “sinalização ineficiente” ou a uma carência dita como natural do objeto, mas “[...] ao fato de que a ordem natural foi perdida e que em decorrência não há mais objeto específico. Dai por diante, apenas uma satisfação parcial passou a ser possível.” (GARCIA-ROZA, 1990, p.17).

Dessa forma, nosso corpo é fortemente marcado pela falta e que uma vez sentida impõe uma ação sobre o homem para que ele busque, de maneira incessante, preencher esse vazio e, nesse processo de suprir esta necessidade de algo ou de alguém, a falta torna-se o objeto de desejo. É neste cenário que as pulsões se sobressaem, em específico a pulsão do mal.

Este é o ponto de toda esta estrutura, o surgimento da “nova ordem” como cita Garcia-Roza, ou o mundo regido pela linguagem. A psicanálise tem como fundamento e ponto de partida com o uso da palavra, não que ela ignore as funções, órgãos ou reações corporais, mas a psicanálise foca nas inferências a partir da palavra. Este corpo natural é repleto de pulsões e elas vão construir uma nova realidade corporal, sendo que a linguagem tem função de constituir e ordenar as pulsões: “ O corpo resultante dessa ordenação será um corpo submetido à ordem simbólica, corpo apossado e informado pela linguagem. Será, portanto, um corpo-linguagem” (GARCIA-ROZA, 1990, p.19). Sendo assim, um corpo submetido a linguagem.

Garcia-Roza (1990) cita a presença de uma dualidade da psicanálise, sendo esta:

[...] a verdadeira dualidade em psicanálise não seria a dualidade do corpo-linguagem, mas sim a dualidade corpo-linguagem/pulsões anárquicas. Essa dualidade poderá ser concebida ainda como uma dualidade Ordem /Acaso, ficando o corpo-linguagem no lugar da ordem e as pulsões no lugar do acaso (GARCIA-ROZA, 1990, p.19).

Esta dualidade é concebida pelo que se denomina ordem e o que é ordenado, ou seja, um corpo que inclui a linguagem e a representação deste corpo. O que fica à margem ou exterior a ordem seria as pulsões em seu estado natural.

Em decorrência do conceito de “corpo-linguagem”, entre outras pulsões, como a “pulsão da morte” que Freud destaca como “primeira pulsão” no corpo humano, a pulsão sexual é denominada como a pulsão própria do corpo-linguagem. Ainda sobre a pulsão sexual, Garcia-Roza (1990) diz que “[...] o sexual supõe uma forma, e somente podemos falar em forma e sentido, no lugar da ordem e da linguagem.” (GARCIA-ROZA, 1990, p.19).

As pulsões não possuem objeto próprio, qualquer objeto pode ser um objeto de pulsão, assim, entre a pulsão e o seu objeto existe uma linha de desejo e de fantasia que articulam e conduzem um ao outro resultando na satisfação. Essa satisfação nunca é alcançada, e mesmo após conseguir este tão idealizado objeto de desejo, não resulta em uma satisfação plena, já que a falta é permanente no homem. Percebemos um evento cíclico, pois estamos sempre em busca da satisfação e refletindo sobre os meios de adquiri-las. Neste processo de aquisição, a linguagem está presente como efeito em todo o desenvolvimento.

Freud ressalta que na busca da satisfação e nos seus meios de obtê-las: “ E isto se torna mais claro quando tratamos da sublimação. Ela descreve algo que acontece com a pulsão, mas é um processo que corresponde a libido de objeto. E que exige do objeto é que ele seja socialmente valorizado” (GARCIA-ROZA, 1990, p.71). A sublimação aparece como um dos meios para satisfação, não a satisfação dita plena e inalcançável, mas uma satisfação parcial.

Com a nova ordem simbólica e um mundo subjugados pelos signos, afeta a maneira como essa pulsão é realizada, sabemos que essa satisfação no mundo dos símbolos não é plena, mas será que ela afeta as possibilidades, ou os meios para alcançar essa satisfação? Garcia-Roza expõe:

Se por um lado a submissão ao mundo dos signos impede a satisfação plena, por outro lado, essa mesma submissão multiplica de forma incomensurável suas possibilidades de satisfação. Este é o equívoco fundamental da pulsão. O mundo a qual ela se dirige é um mundo emprestado, mundo no qual não há que buscar o objeto perdido, posto que ele jamais o habitou (GARCIA-ROZA, 1990, p.70)

De acordo com o autor, o mundo dos símbolos é um mundo emprestado, já que o dito real não é o mundo e jamais terá lugar no mundo. Dessa forma, vemos o real como uma hipótese do que se pode ser, é uma suposição e uma falta: “ As pulsões exigem uma dose mínima de satisfação

no nível do real. Se toda satisfação fosse obtida por sublimação, faltaria a ela intensidade necessária para “comoção nossa corporeidade”. ” (GARCIA-ROZA, 1990, p.71). Esta relação entre objeto e sublimação é relativamente aceita e valorizada pela sociedade.

Assim sendo, para Freud “ a sexualidade é a chave do problema das psiconeuroses, bem como das neuroses em geral” (FREUD, 1997, p. 131), assim o mal radical deriva de uma propensão ou inclinação do ser humano.

O autor também afirma que a destruição é um princípio do homem e ambos estão interligados. Quando a sexualidade é movida por esta pulsão do mal, o sentimento de culpa é a consequência do ato sexual. Assim, quando há uma ação originada do mal e da destrutividade, na sequência haverá a culpa, “[...] alguém se sente culpado (os devotos dizem: pecador) quando fez algo que se reconhece como ‘mau’” (FREUD, 2010, p.145).

O autor também fala sobre a mera intenção de praticar o mal, mesmo que bloqueada pela sua linha de moral, já é o bastante para fazer com que esta pessoa se sinta culpada, ou seja, a mera sensação de ser capaz de fazer o ‘mal’ a alguém já lhe culpabiliza do ato.

Amélia por meio de seus pensamentos evidencia esta pulsão sexual, onde até a fé era esquecida:

Nos seus braços, todo o terror do céu, a mesma idéia do céu desaparecia; refugiada ali, contra o seu peito, não tinha medo das iras divinas; o desejo, o furor da carne, como um vinho muito alcoólico, davam-lhe uma coragem colérica; era com um brutal desafio ao céu que se enroscava furiosamente ao seu corpo (QUEIRÓS, 2016, p. 336, grifo nossos).

Em *O Primo Basílio* (1878), a personagem Luísa é fortemente marcada pela falta e que mesmo após adquirir aquilo que tanto desejava, não consegue preencher o vazio, como também não sente mais a satisfação por estar em companhia de seu primo Basílio.

Luísa reflete sobre esta falta e a ilusão do preenchimento da falta após um dos encontros com Basílio no Paraíso:

Onde estava o defeito? No amor mesmo talvez! Porque enfim, ela e Basílio estavam nas condições melhores para obterem uma felicidade excepcional: eram novos, cercava-os o mistério, excitava-os a dificuldade... Por que era então que quase bocejavam? E que o amor é essencialmente perecível, e na hora em que nasce começa a morrer. Só os começos são bons. Há então um delírio, um entusiasmo, um bocadinho do céu. Mas depois!... Seria pois necessário

estar sempre a começar, para poder sempre sentir?... Era o que fazia Leopoldina. E aparecia-lhe então nitidamente a explicação daquela existência de Leopoldina, inconstante, tomando um amante, conservando-o uma semana, abandonando-o como um limão espremido, e renovando assim constantemente a flor da sensação! — E, pela lógica tortuosa dos amores ilegítimos, o seu primeiro amante fazia-a vagamente pensar no segundo! (QUEIRÓS, 2010, p. 256, 257, grifo nossos).

A insatisfação é tão grande que a personagem chega a quase bocejar de tédio, após isso ela reflete “Seria pois necessário estar sempre a começar, para poder sempre sentir?” Confirmando um eterno ciclo em busca de suprir a eterna falta.

Em *O Crime do Padre Amaro* (1880) temos a personagem Amélia, a qual sente culpa por manter um relacionamento com o padre de sua paróquia e isso lhe aterroriza, ao ponto de que em certas noites, exigia que a mãe viesse dormir aos seus pés, pois tinha medo de pesadelos e de visões. Vemos a culpa como reação à sexualidade:

Vinha-lhe aparecendo distintamente a consciência pungente da sua culpa. Naqueles negrumes dum espírito beato e escravo, fazia-se um amanhecimento de razão. — o que era ela no fim? A concubina do senhor pároco. E esta ideia, posta assim descarnadamente, parecia-lhe terrível. Não que lamentasse a sua virgindade, a sua honra, o seu bom nome perdido. Sacrificaria mais ainda por ele, pelos delírios que ele lhe dava. Mas havia alguma coisa pior a temer que as reprovações do mundo: eram as vinganças de Nosso Senhor. Era da perda possível do paraíso que ela gemia baixo; ou de mais medonho ainda, de algum castigo de Deus, não das punições transcendentais que acabrunham a alma além da tumba, mas dos tormentos que vêm durante a vida, que a feririam na sua saúde, no seu bem-estar e no seu corpo. Eram vagos medos de doenças, de lepras, de paralisias ou de pobreza, de dias de fome — de todas essas penalidades de que ela supunha pródigo o Deus do seu catecismo (QUEIRÓS, 2016, p. 335, grifo nossos).

Dessa forma, Amélia mesmo ainda desejando Amaro também carrega a culpa do ato. A presença da culpa é advinda da sua formação religiosa, Amélia era muito devota, no entanto, Luísa, não sente o mesmo, a sua preocupação é com o que a sociedade pensa e fala sobre a sua situação, uma vez que o seu marido a tinha perdoado. Assim, a concretização do

mal é utilizada pela pulsão da sexualidade (contendo um valor negativo) que desvirtua o homem bom do caminho “certo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suas obras, Eça de Queirós utiliza de seus personagens para subverter o realismo-naturalismo, já que as trajetórias narrativas são contrárias aos elementos de verdade e justiça dessa escola literária, pois as personagens Basílio e Amaro não são culpabilizados pela sociedade, ambos não sentem culpa por sua má conduta, uma vez que no final da narrativa eles continuam suas vidas em Lisboa.

Partindo do pressuposto que o realismo-naturalismo ressalta a razão como consciência e que esta poderia resguardar os homens do mal, o escritor subverte essas características ao apresentar personagens em que a razão e a consciência não são suficientes para as impedi-las de ceder a tais pulsões. Dessa forma, a hipótese central do realismo-naturalismo é refutada o tempo todo ao longo das duas narrativas, pois as personagens são traídas pela própria razão e consciência falhas.

A sexualidade é vista como uma pulsão que causa a destrutividade no ser humano, essa destrutividade é sempre acompanhada do sentimento de culpa. Isto posto, a culpa presente nas personagens Amélia e Luísa é a consequência do ato sexual, pois ambas mantiveram relacionamentos que não estão de acordo com os padrões sociais. Amélia é movida pela sexualidade, assim, também sente essa destrutividade em si mesma, isso é evidenciado pelos seus pesadelos e medo, pois a culpa a atormenta. Luísa por sua vez, passa por momentos de angústia quando Juliana ameaça expor seu caso com o primo e sente vergonha pensando no que a sociedade faria se seu caso extraconjugal fosse exposto.

Consideramos que o autor utiliza a pulsão do mal como princípio motor em sua narrativa, já que o mal como um todo está ligado com a sexualidade. O mal é representado quando o autor nos mostra figuras humanas com uma perda de controle da razão e consequentemente da consciência do homem virtuoso.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Livro primeiro. Digitação: Lucia Maria Csernik, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/%C3%89tica-a-Nic%C3%B4maco.pdf>. Acesso em: 20 outubro 2021.

DAVID, Sergio Nazar, 1964- **O Século de Silvestre da Silva**, vol.2: estudos queirosianos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

FREUD, Sigmund. **Fragmento da análise de um caso de histeria (o caso Dora)**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **O mal-estar na cultura**/ Sigmund Freud; tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Márcio Seligmann-Silva; ensino bibliográfico de São Endo e Edson Souza- Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **O mal Radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

KANT, Immanuel. **Religião nos limites da Simples Razão**. Tradução: Artur Morão. Coleção: Textos Clássicos de Filosofia. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008

QUEIRÓS, Eça de. **O Crime do Padre Amaro**. -1ª ed.- São Paulo: Mediafashion, 2016.

QUEIRÓS, Eça de, 1845-1900. **O primo Basílio**.- Edição comentada e anotada por Paulo Franchetti.- São Paulo: Abril, 2010.

SALGADO JÚNIOR, António. **História das Conferências do Cassino**. Lisboa: 1930

TEODICEIA. In: Infopédia- Dicionários Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/teodiceia>. Acesso em: 20/10/2021.

ZOLA, Émile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, s./d.